

**DIÁLOGOS POSSÍVEIS
ENTRE O ROMANCE *DE
GADOS E HOMENS*, DE ANA
PAULA MAIA E O CONTO
PAI CONTRA MÃE, DE
MACHADO DE ASSIS¹**

*POSSIBLE DIALOGUES
BETWEEN THE ROMANCE
DE GADOS E HOMENS, BY
ANA PAULA MAIA AND
THE MACHADIAN TALE PAI
CONRA MÃE*

Wagner Pereira de Souza²/SEDUC-MT

1 Este artigo é resultado de parte da avaliação exigida na disciplina “O Romance Contemporâneo”, ministrada pela professora Dr^a. Vera Maquêa no PPGE/ UNEMAT, na primavera de 2020.

2 Mestrando do PPGLetras/UNEMAT-Sinop. Professor efetivo da rede de Educação básica do estado de Mato Grosso. Especialista em Coordenação Pedagógica. E-mail: wpereirasouza46@gmail.com

RESUMO: este trabalho apresenta uma análise intertextual como diálogo entre o romance “De gados e homens”, de Ana Paula Maia e o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. Nesse sentido são analisadas algumas convergências e correspondências. Dentre essas ocorrências, a personagem, Edgar Wilson, no romance, possui características que são evidentes também em Cândido Neves, figura dinâmica do conto. Em torno disso, a temática da morte se apresenta, sendo a prática dela considerada ato justificável com base em valores individuais das personagens. Questiona-se também sobre o humano, seria ele superior aos animais? Se sim ou não, por que age como um deles? Juntamente a esses fatores, a miséria humana desempenha um papel fundante, em ambas as obras. A miséria existe de maneira implícita e explícita, contribui para o desfecho da ação de matar que consome personagens em nome do que se julga correto. A partir de *vários* teóricos são utilizados como Bakhtin (2000); Adorno (1970); Foucault (1974); Tugnoli (2020), entre outros, essa abordagem propõe um diálogo entre o romance e o conto.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade. Romance. Conto. Humanismo. Ana Paula Maia, Machado de Assis.

ABSTRACT: This work presents an intertextual analysis as a dialogue between the novel “De gados e Homens” by Ana Paula Maia and the short story “Pai contra mãe” by Machado de Assis. In this sense, some convergences and correspondences are analyzed. Among these occurrences, the character, Edgar Wilson, in the novel, has characteristics that are evident in Cândido Neves, a dynamic figure in the short story. Around this, also the theme of death as an indispensable element for the maintenance of life, the practice of which is considered a justifiable act based on personal values. It is also questioned about the human, would it be superior to animals? If yes or no why do you act like one of them? It follows from this that there is a strong interdependence of the rational x irrational that at given moments the attributes of both come together. Together with these factors, misery plays a fundamental role in both. Misery exists implicitly and explicitly, it contributes to the outcome of the killing action that consumes characters

in the name of what is considered personally correct. Several theorists are used as Bakhtin (2000); Adorno (1970); Foucault (1974); Tugnoli (2020), among others that support this advisory approach that proposes the dialog between the novel and the short story.

KEYWORDS: Intertextuality. Romance. Tale. Humanism. Ana Paula Maia, Machado de Assis.

Um texto estranho entra na rede da escritura: esta o absorve segundo leis específicas que estão por se descobrir. Assim, no paragrama de um texto, funcionam todos os textos do espaço lido pelo escritor.

Julia Kristeva, 1974, p. 104

Segundo Bakhtin (2000) falar sobre intertextualidade se configura uma atividade de potencial importância, já que ao mencionar qualquer evento o indivíduo está realizando uma postura intertextual mesmo que não possua consciência exata disso, pois as leituras que realiza compõem seu arcabouço teórico. Por isso mesmo, pressupõe-se que para compreender qualquer texto se faz necessário analisá-lo promovendo relação com outros textos. Nesse sentido, nenhum texto possui uma identidade isolada.

O conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis foi publicado em 1906 no livro *Relíquia da casa velha*, período em que na literatura brasileira se vivia o início da transição para o Modernismo. Em contrapartida, a escritora contemporânea, Ana Paula Maia, publica em 2013 a obra *De gados e homens* que traz uma pluralidade de reflexões críticas e imersas na banalização de matar e o estado de miséria social e psicológica profundos que são tematizados no romance.

Há entre esses textos, o conto e o romance, uma grande

lacuna diferencial que não se restringe somente ao temporal, mas também a outras particularidades. Separados por mais de um século, apresentam situações potencialmente distintas, pois uma coisa é um homem escrevendo no início século XX sobre a banalização da vida/morte, bem como as misérias e mazelas da sociedade de sua época; e outra coisa é uma mulher escrevendo no século XXI sobre a banalização de matar e as inerências que circundam essa temática no mundo atual.

Nesse contexto, esta análise propõe o estudo de alguns elementos que convergem entre o conto e o romance, por meio da intertextualidade, observando como a construção daquele está para este. Embora separados por um longo espaço de tempo, deixam perceber pertinências semelhantes e tecem críticas que, apesar da posição de autoria, constroem uma crítica à sociedade que, como é possível verificar, pouco se modificou ao longo do tempo. Em ambos, nota-se a presença acentuada do Humanismo revelada nas práticas sociais representadas.

Confluência de personagens

*Tudo o que fazem os homens
está cheio de loucura. São loucos
tratando com loucos. Por
consequente, se houver uma
única cabeça que pretenda opor
obstáculo à torrente da multi-
dão, só lhe posso dar um conse-
lho: que, a exemplo de Timão, se
retire para um deserto, a fim de
aí gozar à vontade dos frutos de
sua sabedoria.*

Erasmus de Rotterdam, 2002, p. 18.

O narrador em *De gados e homens*, explica que Edgar Wilson é um homem não muito dado a ações que exigem reflexões. Sua postura é típica dos que se não forem interrogados sobre algo

também não se manifestam a respeito. Ele age normalmente com objetividade sem medir quais consequências essas ações podem causar. É um homem que se comporta a “sangue frio” e aparentemente, com um extremo realismo e senso prático. Nesse contexto, sua personalidade se aglutina a de um animal, tido como irracional, pois “[...] desde cedo aprendeu a berrar, quando solto no pasto, ainda bem menino, disputava com o bezerro a teta da vaca” (MAIA, 2013, p. 12).

O estilo rústico de Edgar Wilson o encaminha para atividades que exigem mais esforço físico do que intelectual; a narrativa explica que o trabalho braçal foi sua prática, inclusive, a de lidar com animais sempre foi o seu labor desde que deixou de trabalhar em minas de carvão. Labuta com gado, mas seu desejo é trabalhar com suínos. Conciliando com isso, é uma referência respeitada no segmento que atua, “ele é um atordoador”, alcançando um nível quase inexplicável de prática, pois “Seu golpe preciso é um talento raro que carrega em si uma ciência oculta em lidar com os ruminantes” (MAIA, 2013, p. 26).

Como um dos atributos importantes dessa personagem está o de não fazer distinção sobre a morte, quer seja do animal racional ou do irracional. O narrador nos dá ciência dessa questão quando Edgar Wilson, “Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a fronte do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. [...] Nenhuma gota de sangue foi derramada. Seu trabalho é limpo” (MAIA, 2013, p. 56). O ofício de matar é inerente a Edgar Wilson em nome do politicamente correto, segundo ele, esse não teria sido seu primeiro homicídio, mas se justifica, ao ser interrogado pelo patrão, que só abate aqueles que não prestam.

Deve-se notar, a propósito, que no conto de Machado de Assis *Pai contra mãe*, a personagem protagonista, Cândido Neves, possui características muito próximas às de Edgar Wilson, pois Neves “é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. [...] não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo” (ASSIS, 1994, p. 03). Notória era a sua

inadequação aos ofícios que exigissem o cumprimento de protocolos mais sofisticados. Certa vez, em virtude dessa indisposição, é refutado pela sua tia por causa do excessivo ócio cultuado por ele e que conseqüentemente mancha sua reputação.

Desiludido e desafeiçoado por ocupações, Cândido Neves envereda-se por uma arte que não lhe obrigava a cumprir formalidades, mas sim algumas habilidades e força física, pois “Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda” (ASSIS, 1994, p. 05). Nota-se que Cândido Neves adquirira tão grande propensão à nova lida que possuía um olhar apurado e maestria para lidar com o ofício e sempre saía ileso no processo de captura.

Desprovido de compaixão pelo semelhante, Cândido Neves vê na desgraça alheia, inerente ao seu ofício, a saída para se livrar de sua própria condição. A maneira funesta demonstra a insensibilidade e indiferença, mesmo que para isso custe uma vida.

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo (ASSIS, 1994, p.08).

As considerações anteriores visam elucidar que no conceito de Cândido Neves, o ocorrido com Arminda, figura-se com um *show* pirotécnico em que o momento do óbito da criança se enquadra como um palco de entretenimento. Mas como se não bastasse, essa mórbida ação é justificável no seu conceito, todavia segundo ele, é natural, pois não são todas as crianças que “vingam!” Inevitavelmente, vê-se a morte para justificar uma vida, mesmo que ainda prematura, mas com o seu lugar requerido na sociedade. E a personagem mostra-se plena em seu caráter.

Confluência

*Porque haverá homens amantes
de si mesmos, avarentos, pre-
sunçosos, soberbos, blasfemos,
desobedientes a pais e mães,
ingratos, profanos, sem afeto
natural, irreconciliáveis, calu-
niadores, incontinentes, cruéis,
sem amor para com os bons,
[...]*

2 Timóteo 3:2,3

A partir dessas considerações é inegável que a temática da morte perpassa de forma aguda a construção dessas duas personagens. A morte é tratada como um elemento sem muita importância para uma das partes, tanto no romance quanto no conto. Antes de Machado de Assis e, ainda muito mais, de Ana Paula Maia, Edgar Allan Poe, em *A filosofia da composição*, advertiu que a temática da morte é um dos assuntos mais melancólicos da sociedade:

Então, jamais perdendo de vista o objetivo - o superlativo ou a perfeição em todos os pontos -, perguntei-me: “De todos os temas melancólicos, qual, segundo a compreensão universal da humanidade, é o mais melancólico?” A Morte - foi a resposta evidente. “E quando”, insisti, “esse mais melancólico dos temas se torna o mais poético?” (POE, 1846, p. 05).

Destaca-se desse contexto que a revisitação que promovemos, do romance de Maia e do conto de Machado, reconstrói um cenário nefasto e de difícil absorção, pois como menciona Poe, esse, seria um dos temas que mais impacta em qualquer época.

Outro fator consistente nesse diálogo entre o conto de Machado de Assis e o romance de Ana Paula Maia é o de matar em nome de uma ideologia “correta”, sendo que a diferença em

ambas as personagens é a de que, um “abate” com as próprias mãos somente “os que não prestavam” e o outro é a peça-chave que conduz determinada situação até levar alguém à morte.

De qualquer modo, em ambos, o desfecho é o mesmo, a morte. Somado a isso, parece-nos que ao contrário de Edgar Wilson, que “Não sente orgulho do trabalho que executa, mas se alguém deve fazê-lo que seja ele, que tem piedade dos irracionais” (MAIA, 2013, p. 26), Cândido Neves se delicia no percurso do sofrimento vivido pelo racional, pois presencia todo o “espetáculo” vivido pela escrava Arminda sem mesmo se preocupar com as implicações daquele desfecho.

A partir dessas constatações é possível concordar com Allen Shelly (s/d) ao mencionar que “O homem é ao mesmo tempo presa e predador de si mesmo. Ele é a espada e o escudo. É o agressor e o agredido. A cada passo que se dá, o abismo se aproxima.” Essas ações levam ao entendimento de que existe uma imperativa cegueira, principalmente em relação à própria espécie. Sobre essa questão é contributivo mencionar que “O cego está de costas para todas as direções (MÁE, 2016, p. 177). Nesse sentido está pressuposto que ao matar, há também um estado de indiferença com as implicações desse ato.

A miséria

A arte é a antítese social da sociedade, e não deve imediatamente deduzir-se desta. A constituição da sua esfera corresponde à constituição de um meio interior aos homens enquanto espaço da sua representação: ela toma previamente parte na sublimação.

Theodor W. Adorno, 1970, p. 20

A ambientação do romance é configurada num plano em que a desgraça é explícita, pois a forma como vivem as personagens

representa um sistema confuso de extrema carência e um desses índices é perceptível na remuneração que o atordoador recebe por animal abatido correspondente a dez por cento do valor de um hambúrguer. Pressupõe-se que a valoração do trabalho é quase insignificante, ao mesmo tempo que Edgar Wilson se vê realizado com o que faz e sem perspectivas de ascensão.

Em situação análoga à anterior os moradores da região são acostumados a se alimentar dos restos mortais do gado que não consegue chegar vivo ao matadouro. Ao avista-los, Edgar Wilson emite um juízo de valor afirmando que são “os miseráveis” que residem na redondeza e para sobreviver necessitam comer a carne do gado morto no processo de transporte. O narrador dá uma prévia sobre a qualidade desse alimento, impróprio para o consumo, sendo que essa carne, possivelmente contaminada, é a dieta dos “miseráveis”:

O gado morto é colocado, um a um, sobre uma empilhadeira e despejado no improvisado crematório do matadouro, cuja fornalha já está acesa e cujo cheiro atrairá muitos cães ao longo de todo o dia, pois a cremação é sempre demorada. Isso é tudo o que se pode fazer com o gado morto, pois a carne pode estar contaminada e o animal doente. (MAIA, 2013, p. 143)

Não é injusto dizer que os “miseráveis” aqui estão classificados no mesmo nível que os abutres que também são atraídos pelo gado morto. Nesse sentido, um grupo de mulheres se aproxima da sede do matadouro e externam seu desejo por aquela iguaria. Nesse momento, essa inópia chega a ser comparada com o próprio humano em que há uma espécie de fundição entre ambos. Segundo o narrador, a presença desse grupo ali é uma miséria que se assemelha ao inferno, pois produz extrema inquietação. Mesmo indignado, Bronco Gil cede ao suplício das carentes, mas faz uma severa advertência: “E, se alguém ficar doente por causa da carne, nem pense em voltar aqui pra reclamar. Vocês já sabem o que vai acontecer” (MAIA, 2013 p. 171). Essa situação tem um desfecho em que animais e humanos estão nivelados por uma só razão: a miséria! Um lugar comum entre os animais racionais e os irracionais, pois

Quase uma hora depois, Tonho despeja um saco com pedaços gordos da vaca aos pés das mulheres, que precisam disputar com uma matilha de cães famintos que rodeiam o matadouro sempre que o forno do crematório é aceso (MAIA, 2013, p. 172).

Para o narrador do romance não há distinção entre o animal racional e o irracional, ambos seguem uma cadeia em que não há privilegiados, inclusive, com relação à cena final que interrompe o ciclo da vida – a morte! E, “Assim como o gado assemelha-se entre si, sendo difícil a distinção entre eles, com os homens parece ocorrer o mesmo. A linha do tempo é como a linha da morte: não pode ser interrompida” (MAIA, 2013, p. 306).

No conto de Machado de Assis, o estado de miséria está instaurado pela penumbra da sombra da morte. A personagem protagonista, Cândido Neves, por falta de adaptação ao trabalho, dias antes do matrimônio, é comparado a uma espécie de morto-vivo “— Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto. — Não, defunto não; mas é que... Não diziam o que era” (ASSIS, 1994, p. 03). E, além do mais, ameaçava a possibilidade de provocação do último estágio do vivente, pois segundo Tia Mônica, após o ensajado casamento entre Cândido Neves e Clara, se tivessem um filho, este morreria de fome em virtude da indisposição para o trabalho. Cabe salientar, no entanto, que a miséria já batera à porta de Cândido Neves de maneira mais determinada, conforme o narrador nos dá ciência desse fato

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis (ASSIS, 1994, p. 05).

Como se não bastasse, a miséria toma proporções incontroláveis e chega até o vínculo familiar, de maneira que a soma de um filho ao grupo familiar tem característica semelhante à de uma gota d'água acrescida a um copo cheio que se derrama por conta dela e por isso, o fruto do ventre deveria ser subtraído do convívio para que todos não morressem de fome. Impelido pela tia,

Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte (ASSIS, 1994, p. 07).

Diante da situação, a escassez obriga Cândido Neves a decidir abrir mão daquilo que tanto almejava após ter conseguido. A saída do filho simbolizava a única alternativa de amenizar o estado que se encontravam. Essa questão já havia sido advertida pela tia ao casal, que previa a multiplicação da miséria presente. O entrave se agrava e coloca Cândido Neves numa conjuntura em que deve optar por um desfecho, de quem vive e quem morre. A solução para o seu miserável impasse se dá na constatação da presença de uma “escrava fujona” em que este contato culminaria no início do percurso da morte do filho alheio para que o seu sobrevivesse e a vítima o interpela: “— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!” (ASSIS, 1994, p. 08).

Essas considerações suscitam, entre outras, questões referentes à multiplicação da desgraça em que a vida de um, depende da morte do outro, de maneira que esses dois fatores não são base de um mesmo expoente. Não importa o que aconteça ao outro desde que o “eu” sobreviva a tal situação. Mais uma vez, fica explícito uma desumanização, em que o indivíduo pode ser tratado de forma a que muitos tratam os (des)considerados animais irracionais.

A intertextualidade

O humanismo foi uma maneira de resolvermos em termos de moral, de valores, de reconciliação, problemas que não se podiam resolver de modo algum. Conhece a frase de Marx? A humanidade só formula problemas que pode resolver. Eu creio que se pode dizer: o humanismo finge resolver problemas que não pode formular!

Foucault, 1974, p. 29-36

Os apontamentos referidos ao conceito de ocorrência da intertextualidade entre *De gados e homens* e *Pai contra mãe* visam encaminhar o debate sobre como o conto e o romance dialogam. A maneira como ambos abordam problemas existenciais da humanidade, por meio da experiência extrema da morte, com um elo de reconstrução e releitura de elementos que desafiam o humanismo com analogias um tanto quanto indigestas. Sendo assim é possível identificar um processo de releitura que

Desse modo, a investigação das hipóteses intertextuais, o exame dos modos de absorção ou transformação (como um texto ou um sistema incorpora elementos alheios ou os rejeita), permite que se absorvam os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produções literárias (CARVALHAL, 2004, p. 81- 82).

Há nos dois casos um diálogo em que a morte é um fator preponderante nas narrativas. Nesse sentido, o romance reproduz traços sobre essa temática em que o matar para viver tem o seu lugar justificado. As atitudes das personagens em ambos, na vertente analítica deste estudo, transportam o ser humano para

a sua dimensão animal. Seria o ser humano melhor do que os animais? estaria em nível superior? Para Cláudio Tugnoli (2020), na perspectiva do pós-humanismo, há uma interrelação muito estreita entre o homem e o animal:

O pós-humanismo vai além do velho humanismo, que insiste na separação entre o homem e o animal, mostrando que, ao contrário, o animal é parceiro de consciência. Um homem mostra uma relação de parentesco com o animal, seja do ponto de vista filogenético, seja pela abertura à hibridação animal. A cultura humana começou pela sinergia e pelo confronto, da parte do homem, com as habilidades e os modelos comportamentais das diversas espécies animais, com as quais o homem interage desde os primórdios (TUGNOLI, 2020, p. 04).

Destaca-se desse contexto, a interdependência do ser humano com animal ao ponto de reproduzir atitudes que vistas e interpretadas pelo racionalismo, desqualifica o animal. No romance, essa temática é muito latente, a começar pelo título, *De gados e homens*, que é, de forma evidente, uma discussão sobre o humanismo ocidental e sobre a sociedade. Isso fica elucidado e muito explícito no momento em que, Edgar Wilson mata o seu companheiro do mesmo modo que mata o gado e considera que seu trabalho é limpo. Somado a isso, o verbo “abater”, utilizado para representar o ato, também é o mesmo para o animal. Isso leva a entender que ambos são equiparados em um mesmo nível, ambos desprovidos de razão.

Em situação análoga, no conto, a indiferença com o semelhante também é brutal, pois assistir à “escrava fujona” abortar em meio a uma severa e contínua sequência de açoites era um espetáculo, conforme classifica o narrador em *Pai contra mãe*, cena assistida por Cândido Neves. Dessa forma, em nome da sobrevivência vale interromper a vida desde que isso seja em proveito do poder de mando do interessado. O contexto social em que o conto foi produzido era o de um país escravocrata e relacionava-se ao mundo do senhor e dos escravizados. Todavia, ainda que esse contexto tenha se modificado, chama a atenção o fato de que as formas do capitalismo produzem a morte sob violência e opressão,

de pessoas e de animais.

Tanto a morte de Zeca quanto a morte do feto não representaram importância quase nenhuma. Assim como a morte de um animal qualquer, a disponibilização de seu para a decomposição, a morte humana não possui status de consideração, cuja ausência só pesa pelo prejuízo material.

Aliado a isso, está a miséria que assola o ambiente, tanto no romance quanto no conto. Esse fenômeno cria uma atmosfera como uma linha tênue, uma espécie de fio condutor, que separa a vida e a morte. O cenário do matadouro no romance com toda sua carga semântica em que vidas, quer seja do animal ou do humano, têm que ser sacrificadas para que o alimento seja provido, um panorama semelhante é representado no conto, pois a morte prematura do futuro filho de Arminda, a escrava fujona, representa a permanência e manutenção da vida do filho de Cândido Neves.

Em relação ao que foi posto, duas grandes críticas são apresentadas ao final de cada obra. No romance, não há somente uma responsabilização do “Ele” em que os holofotes são projetados para o outro desvinculando assim a jurisdição do “Eu”, mas há uma aglutinação em que “todos” são responsáveis pela manutenção dessa miserável cadeia, pois “Os que comem são muitos e comem de modo que nunca se fartam. São todos homens de sangue, os que matam e os que comem. Ninguém está impune” (MAIA, 2013, p. 410).

O narrador do conto postula uma espécie de afirmação retórica que visa justificar o mórbido ato cometido e que aparentemente a situação tenha ocorrido em virtude do acaso, uma espécie de tentativa de explicar a vida por meios naturais, pois “— Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (ASSIS, 1994, p. 09).

Considerações finais

*Pelo menos se pode dizer que,
se o homem não se tornou mais
sanguinário com a civilização,*

tornou-se, com certeza, um sanguinário pior, mais hediondo. Antes ele via no derramamento de sangue um modo de fazer justiça e com a consciência tranquila massacrava aqueles que julgava merecê-lo; hoje, ainda que julguemos que derramar sangue seja uma torpeza, mesmo assim o praticamos, e ainda mais do que no passado. O que é pior? Decidam os senhores mesmos.

Fiódor Dostoievski, 2011, p. 19-20

Se a intertextualidade é um recurso de análise relevante para os estudos literários, tendo em vista que possibilita revisitar as produções de outras épocas, entendemos que o interesse está em que permite também refletir sobre o que mudou e o que se mantém na sociedade atual e que ocupa a atenção literária. Nesse contexto, em primeira mão, essa análise se ateve em demonstrar algumas ocorrências dialógicas entre o romance *De gados e homens*, de Ana Paula Maia e o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis.

Nesse interim, abordou-se correspondências existentes entre a personagem Edgar Wilson, no romance, e Cândido Neves, no conto, o que permitiu observar que não há uma reprodução literal, seja temática ou formal, mas sim, formas de representação de práticas e valores sociais que o curso da narrativa expõe como percepção dessa construção. Observou-se também que a temática da morte é um viés latente nas duas obras em que é necessário que um “animal”, racional ou não, morra para que o outro sobreviva, sendo essa passagem um fio muito estreito que separa os dois estágios.

Noutro ponto, constata-se que o denominado “ser humano” se funde com o animal restando pouca diferença, restrita a quase somente percepção humanista de certa tradição filosófica que os aparta em oposição racional x irracional. Essa questão pode não

justificar muitas atitudes, mas explica bastante coisas. Vê-se que o racional é dependente sempre do irracional estabelecendo com ele uma relação de completude e de incompletude. Afinal, não é à toa que a presença dos irracionais é constante nas narrativas como se o racional necessitasse de outro polo para completar o circuito.

Como procuramos demonstrar, a miséria é também um grande fator que flui das duas obras. É uma evidência que consome o próprio humano. Ela pode ser entendida não só como uma questão social, mas sim como algo que vai além desse limite e alcança também o caráter das esferas construídas simbolicamente no humanismo, em que o humano é também predador.

A proposta dessa análise foi de tramitar entre os aspectos convergentes de ambas as obras. Não fez parte desse escopo uma abordagem que se detivesse apenas na vertente anacrônica, pois entendemos que a propriedade delas ultrapassa esse limite, uma vez que são obras de tempos distantes e distintos. Isso faz dessa análise uma tentativa de explorar alguns dos recursos inerentes ao ser humano que é movido, muitas vezes, a uma frieza tamanha capaz de deletar seu próprio semelhante, em qualquer tempo e lugar.

Finalmente, a proposta aqui não foi a de exaurir as reflexões em torno desse tema, mas promover algumas possíveis cogitações que possam contribuir com as análises já realizadas em torno dessa matéria. Espera-se, assim, que estudos posteriores venham elucidar outras questões, sobretudo o que não foi possível ser esboçado nesse texto.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Edições 70 – 2. ed. – Lisboa, 1979.

ASSIS, Machado. Relíquias de Casa Velha. – **Obra Completa**, de Machado de Assis, vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1906.

BAKHTIN, Mikhail, **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12^a ed. - Hucitec, São Paulo: 2000.

BÍBLIA SAGRADA, **A Bíblia Anotada**, versão Almeida Revisada e Atualizada, Tradução Carlos Oswaldo Cardoso Pinto, São Paulo - SP, Mundo Cristão, 1994.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. Ática: São Paulo – 2004.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Notas do subsolo** [recurso eletrônico] – tradução do russo de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. Recurso digital – (Coleção L&PM POCKET; v. 670)

FOUCAULT, M. 1974. **Estruturalismo**: antologia de textos teóricos. Lisboa: Portugália Editora. Seleção e introdução de Eduardo Prado Coelho.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MÃE, Valter Hugo. **Homens imprudentemente poéticos**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016. p. 176-177

MAIA, Ana Paula. **De gados e Homens**. Record, São Paulo: 2013.

POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2544953/mod_resource/content/1/Poe.pdf - acesso em nov. de 2020.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. Tradução base Paulo M. Oliveira – Versão para ebook – Fonte Digital Digitalização de edição em papel Atena Editora, s.d. Imagem interna: 2002.

SHELLY, Allen. **O pensador**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTYxNzIzMw/#:~:text=O%20homem%20%C3%A9%20ao%20mesmo%20tempo%20presa%20e%20predador%20de,d%C3%A1%20o%20abismo%20se%20aproxima>. Acesso em: nov. de 2020.

TUGNOLI, Cláudio. **Pós-humanismo**. O ser humano e o animal se hospedam um ao outro. – Artigo em fase de publicação disponibilizado nas aulas da disciplina O romance contemporâneo ministrada pela professora Vera Maquêa, 2020/2.